

ESTE ALMANAQUE PERTENCE A:

•v

•z

•h

•k

•p

•q

•a

•t

•x

•e

•m

•i

•s

•l

•d

•b

•w

•r

•j

•y

•g

•n

•c

•u

•o

•f

ANDRÉ CARVALHAL

VIVA

O

FIM

ALMANAQUE DE UM NOVO MUNDO

**PA
RA
19
19**

Copyright © 2018 by André Carvalho

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Celso Koyama

PREPARAÇÃO Maria Fernanda Alvares

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, André

Viva o fim : almanaque de um novo mundo. / André
Carvalho. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2018.

ISBN 978-85-8439-083-0

1. Atualidades 2. Comportamento social 3. Cultura
– Brasil 4. Mudança social – História 1. Título.

18-19435

CDD-303.4

Índice para catálogo- sistemático:

1. Mudança social : Sociologia 303.4

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Oi, bom te encontrar 😊

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO

O fim da trilogia 9

PRIMEIRA PARTE: FIM

1. Começo 21
2. O fim das coisas 31
3. Meio 41

SEGUNDA PARTE: NOVO EU?

4. Ser 57
5. Ser humano 67
6. Ser trans-humano 79
7. Ser mil 89
8. Ser multi 99
9. Ser Deus 115

TERCEIRA PARTE: NOVO NÓS?

10. Nós 129
11. Nova ecologia 139
12. Nova educação 153
13. Novo trabalho 169
14. Nova organização 191
15. Nova política 205

QUARTA PARTE: NOVO MUNDO?

16. Nova 221
17. Nova realidade 231
18. Nova alimentação 241
19. Nova lógica 261
20. Nova(s) economia(s) 273
21. Nova arte 301
22. Nova moda 315

Gratidão 341

PRIMEIRA PARTE

Fim

**QUE TUDO CAIA,
POIS TUDO RAIA.**

"Pra começar", Marina Lima e Antonio Cicero

1. Começo

Sentei para escrever com uma música na cabeça: “Pra começar/ Quem vai colar/ Os tais caquinhos/ Do velho mundo/ Pátrias, famílias, religiões/ E preconceitos/ Quebrou não tem mais jeito”, da Marina Lima e do Antonio Cicero. Nessa mesma semana soube que o fim do mundo ganhou uma nova data: 15 de outubro de 2017. Foi o que previu o numerólogo britânico David Meade, autor do livro *Planet X: The 2017 Arrival*. Famoso por tentar emplacar teorias conspiratórias, dessa vez ele disse que um tal planeta chamado Nibiru (ou “planeta X”) se chocaria contra a Terra.

Enquanto muitos não dão mais ouvidos a essas previsões, há ainda quem se apavore — e Hollywood lucra horrores a cada ano, sempre com uma nova forma de acabar com o mundo. Mas o fato é que é muito pouco provável que alguma dessas teorias se confirme, pelo menos sem a previsão da Nasa ou de algum cientista de plantão.

O que muitos cientistas apontam é que, em vez de temer esse tipo de catástrofe, devemos temer nós mesmos. Em 2017 também foi anunciado, para um futuro bem próximo, um provável extermínio em massa da nossa espécie — o sexto na história da humanidade.

A causa apontada é o desequilíbrio climático, provocado por nosso estilo de vida.

Basta olhar ao redor e ver que nossa espécie mudou o ecossistema global de modo radical. Esse impacto pode ser tão grande quanto o do asteroide que exterminou os dinossauros há milhões de anos. Na Idade da Pedra, nossos antepassados já experimentaram isso, modificando a fauna e a flora, levando à extinção de muitas espécies. Por isso, há quem acredite que, para salvar o mundo, é preciso primeiro salvar o ser humano.

Ao longo da história passamos por grandes marcos e (r)evoluções que culminaram no momento atual. Pense no Iluminismo, que promoveu intercâmbio intelectual e foi contra a intolerância da Igreja e do Estado; ou na Revolução Francesa, que questionou a hierarquia dos “poderes superiores”. Ambos colocavam o ser humano no centro de tudo, como protagonista da sua própria vida.

No Renascimento, o homem passou a ser a medida de todas as coisas (o humanismo tornou-se o principal valor da época). Evoluiu (ou quase). Virou racionalista, hedonista, individualista, egocêntrico e antropocêntrico (muito). Dando pouquíssimo valor a todas as outras coisas (além do seu umbigo). A partir daí, o homem, soberano, sentiu-se no direito de descobrir, explorar e dominar tudo.

A sede pelo poder e a ambição de crescimento levaram à Revolução Industrial, colocando o foco da sociedade nas empresas, nas fábricas, nos produtos, na publicidade, no lucro. Depois disso, nunca mais fomos os mesmos. O capitalismo e a busca pelo dinheiro tomaram conta de tudo. Perdemos a conexão com tudo que é sutil e imaterial. O “fazer” tomou conta de tudo.

Em dois séculos, as empresas e o sistema capitalista transformaram o mundo e nossa vida. Foram muitas inovações, tecnologias e conquistas. Nenhuma outra criação humana mudou tanto a nossa vida como o capitalismo. Direta ou indiretamente ele impactou de forma positiva a vida de muitos. É sem dúvida o maior sistema de inovação e cooperação social que conhecemos, pois proporcionou a bilhões de pessoas a oportunidade de participar da grande experiência de ganhar o próprio sustento.

Mas parece que muitos se atrapalharam, sem saber lidar com essa fonte de energia que é o dinheiro. Começamos a destruir muito de tudo. O dinheiro tornou-se o Deus da economia, favorecendo valores materiais e o ego (diferente do antigo Deus das religiões que privilegiava valores sutis). “Ele” passou a organizar a vida, em torno do produzir e consumir. Perdemos a noção de que recursos são finitos. Passamos a querer cada vez mais.

O capitalismo instaurou a cultura do “ter”. Ela arruinou a vida de muitas pessoas, que passaram a tomar suas decisões (de compra, carreira a relacionamento) baseadas em quanto poderiam “ganhar” e “parecer”. Programas mentais de medo, escassez, concorrência e sofrimento tomaram conta do mundo. Apesar de tantas maravilhas, a ganância, o egoísmo, a competição, a exploração dos consumidores, funcionários e até mesmo do planeta tornaram-se banais na busca desenfreada por poder, lucro e riqueza.

Tudo passou a ser objeto (enquanto o homem continuava o principal sujeito). A industrialização precisou manufaturar demanda (para possibilitar o crescimento da produção, das empresas). O consumo foi vendido como uma porta de acesso para a felicidade. As pessoas foram estimuladas a comprar mais que o necessário. Então elas compraram, compraram e compraram, mas continuaram infelizes. ☹

O consumo virou consumismo e pilhou as pessoas num nível de ansiedade extremo. Quanto mais ricos, mais esgotados, dependentes e deprimidos uns se tornaram. Muitos que conseguiram ter abundância material perceberam que não tiveram suas carências imateriais (afetivas, estéticas, sociais, filosóficas...) atendidas. A busca pelo “parecer” gerou uma angústia enorme nas almas. Um desequilíbrio na nossa energia vital.

Muitos enriqueceram, enquanto outros mergulharam em profunda pobreza (1% da população detém 40% da riqueza do planeta — segundo dados do ano de 2015). Chegamos a 7 bilhões de pessoas no mundo, e não há recursos para todos. Estima-se que hoje 20% da população do mundo consuma cerca de 80% dos seus recursos. Enquanto o restante vive com uma série de restrições. Por exemplo, 5 mil pessoas morrem por dia pela falta de água potável, mais de

1 bilhão sequer chega a ter acesso a ela. Esse também é o número de pessoas que estão morrendo de fome apenas hoje.

A biosfera não foi poupada: só nas últimas três décadas, consumimos um terço dos recursos naturais disponíveis. Entramos num processo de autodestruição. Cerca de 40% da área florestal do planeta sofreu algum tipo de degradação. Com isso, um mamífero a cada quatro, uma ave em oito e um anfíbio em três estão prestes a entrar em extinção. Espécies da fauna e flora planetária estão morrendo num ritmo mil vezes mais acelerado que o natural.

Na década de 1980, ambientalistas falavam sobre o alto risco que corríamos. Dos perigos dos excessos que estávamos vivendo. Do nosso estilo de vida dependente do petróleo, dos gases liberados pelas nossas atividades e das florestas que estavam sendo transformadas em carne para consumo. Mas parece que poucos ouviram. Muitas pessoas e organizações seguiram como se nada estivesse acontecendo (de olho no próprio umbigo). Agora, estima-se que em 2030 precisaremos de dois planetas para dar conta de todos os recursos naturais que consumimos. De acordo com a notícia publicada no *Estadão*, de 17 de agosto de 2017:

Estamos no vermelho. A demanda de energia, água, alimentos e matéria-prima para atividades econômicas superou a quantidade que a natureza consegue gerar em um ano: desde o dia 2 de agosto, os recursos naturais para 2017 se esgotaram. A partir desta data, tudo que será usado, produzido ou consumido pertencerá a gerações futuras: é como se, ao invés de pagarmos as contas no débito, estivéssemos jogando nossas despesas para o cartão de crédito. [...] O aumento da população mundial, da renda e do consumo em diversos países e as emissões de carbono são os principais responsáveis pelo esgotamento do nosso orçamento natural.

Em oito meses, esgotamos todos os recursos que a Terra é capaz de oferecer no período de um ano, desde a filtragem de gás carbônico (CO₂) da atmosfera até a produção de matérias-primas para a alimentação. O fenômeno é calculado pela Global Footprint Network

(GFN), uma organização que mede a pegada ecológica do homem no planeta. O Dia da Sobrecarga da Terra tem o papel de denunciar a diferença entre a capacidade de regeneração do planeta e o consumo humano, que gera um saldo ecológico negativo desde a década de 1980. Em 1987, quando começou a ser registrada, a data caiu no dia 9 de dezembro. Infelizmente, desde então, esse dia chega mais cedo a cada ano — em 2018 foi em 1º de agosto.

Quando a Eco-92, realizada no Brasil, voltou a falar alto sobre o assunto, as previsões eram concretas e com data marcada. E ela chegou/está chegando, sabia? Os perigos hoje são tão grandes e estão tão próximos que podem gerar uma destruição total. Eles se traduzem na perda de bens e serviços ambientais, escassez (e aumento de preço) de alimentos e desequilíbrio climático. Não é à toa que hoje é impossível sabermos se vai fazer frio ou calor no verão ou no inverno. Não é à toa estarmos vivendo os dias mais quentes da história. Combater as mudanças climáticas provocadas pela atividade humana e industrial é o nosso maior desafio hoje — cujo sintoma principal é o desequilíbrio do sistema hídrico, causado pelo aumento da temperatura da Terra.

Pense em geleiras derretendo — a camada polar do Ártico já perdeu (derreteu) 40% de sua espessura nos últimos quarenta anos e pode desaparecer até 2030 —, continentes sendo inundados, países inteiros submergindo, enquanto outros secam, sofrendo cada vez mais com a falta da chuva, o que vai deixar a energia e a água cada vez mais caras (e raras). No fim de 2017, a Nasa divulgou o resultado de algumas pesquisas que comprovam o aumento do nível do mar de 3,3 milímetros por ano, desde 2015, no Rio de Janeiro, em decorrência do derretimento da neve na Groenlândia. Além do Rio, outras 293 cidades litorâneas do mundo também já sofrem essas consequências.

Pense na falta de água na sua casa (como já está acontecendo em vários lugares no Brasil). Hoje ela já está escassa para 2,8 bilhões de pessoas, e serão 4 bilhões em 2030 — quase metade da população estimada. Para dar conta do crescimento, precisaríamos aumentar em 44% a produção de energia elétrica. Com isso, mais devastação para construir hidrelétricas, menos água, mais dinheiro... Num ce-

nário extremo, podemos presenciar uma extinção em massa na Terra como na época dos dinossauros.

Mas continuamos sem compreender que temos responsabilidade nisso tudo. Somos parte deste grande organismo vivo chamado planeta Terra. Fato é que, ao longo da nossa evolução, fomos perdendo essa consciência. Perdendo a nossa conexão com a natureza, esquecendo que ela também é (nossa) vida (as plantas, a água, as pessoas, os animais...). Deixamos de nos ver como parte da natureza e do outro. Assim perdemos o nosso propósito com o planeta, e pessoas e organizações se construíram durante muito tempo apenas para satisfazer seus próprios interesses. E tudo começou a ruir.

APROFUNDAMENTO



Para assistir:

- *The Rise of Lowsumerism* (documentário)
Para entender as mudanças de hábitos de consumo no século XXI e os efeitos disso no planeta Terra.
- *Home: Nosso planeta, nossa casa* (documentário)
Para ver como a humanidade está ameaçando o equilíbrio ecológico.
- *Uma verdade inconveniente* (documentário)
Para entender conceitos básicos, como o “efeito estufa”.
- *A última hora* (documentário)
Para ouvir 54 especialistas que falam de forma bem esclarecedora sobre as mudanças climáticas, tendo como foco as pessoas e suas histórias.
- *Seremos história?* (documentário)
Para se aprofundar em uma análise madura do nosso estilo de vida, que pode dar fim ao planeta da forma como o conhecemos.
- *Zeigist: The Movie* (documentário)
Para entender os efeitos das conexões de grandes poderes como religiões, mercado financeiro e política internacional.
- *Capitalismo: Uma história de amor* (documentário)
Para questionar o capitalismo: Michael Moore, por meio de dados e índices econômicos, mostra as pessoas que são prejudicadas por esse sistema econômico.
- *Aftermath: Population Zero* (documentário)
Para imaginar uma terra sem seres humanos, vários cientistas traçaram um panorama sobre o assunto. É impressionante.